

O MONUMENTO À LAURO SODRÉ (1959) E O ENCONTRO DE TRADIÇÕES POLÍTICO-MILITARES NO PARÁ REPUBLICANO

ALAN CHRISTIAN DE SOUZA SANTOS*

IFPA

alan.christian@ifpa.edu.br

A fim de comemorar o centenário de nascimento de Lauro Sodré¹ em 1958, o então governador do estado do Pará, Joaquim de Magalhães Cardoso Barata², mandou erguer um monumento em Belém dedicado à memória do antigo líder político e republicano histórico paraense.

Cogitado inicialmente no Boulevard Castilhos França, o conjunto arquitetônico, projetado por Francisco de Paula Lemos Bolonha e desenvolvido pelo engenheiro Nicholas Chase, com o toque modernista de Bruno Giorgi nas esculturas, acabou posto em outro importante logradouro da cidade: a praça Floriano Peixoto.

Situada em frente ao Mercado de São Brás, símbolo da famigerada *belle époque* belenense, e no encontro de três grandes e movimentadas avenidas, a peça escultural de

* É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Campus Marabá Industrial; doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, da Universidade Federal do Pará e membro do Grupo de Pesquisa Militares, Poder e Fronteiras na Amazônia.

¹ Lauro Nina Sodré e Silva nasceu em Belém/PA em 1858, ingressou na Escola Militar da Praia Vermelha em 1876 e se tornou bacharel em ciências físicas e matemáticas pela Escola Superior de Guerra em 1883. Membro fundador do Clube Republicano do Pará, serviu de secretário à Benjamin Constant nos ministérios da Guerra e da Instrução, Correios e Telégrafos. Participou do Congresso Nacional Constituinte de 1890 na condição de deputado e, em seguida, foi eleito governador do Pará (1891-1897). Concorreu às eleições presidenciais de 1898 contra Campos Salles e se elegeu sistematicamente para o Senado Federal. Foram 3 legislaturas pelo Pará (1897-1902; 1912-1916 e 1922-1930) e 1 pelo Rio de Janeiro (1903-1911). Reeleito em 1930, não chegou a assumir devido ao fechamento do Congresso Nacional. Foi reformado em 1913 no posto de general do Exército e em 1917 renunciou o mandato senatorial para reassumir o governo do estado do Pará. Faleceu no Rio de Janeiro em 1944. (ABREU, 2015, p.595).

² Magalhães Barata também nasceu em Belém/PA, no ano de 1888. Assentou praça em 1904 na Escola Militar do Realengo/RJ e concluiu o curso em 1911. Participou do movimento tenentista da década de 1920, sendo uma das lideranças do levante ocorrido no 27º BC, sediado em Manaus. Comandou ainda tentativas de sublevação em território paraense pelas quais foi preso e mandado ao Rio de Janeiro. Após a revolução de 30, foi colocado em liberdade e assumiu o cargo de interventor federal do estado do Pará (1930-1935). Após ser afastado por Vargas, retornou ao serviço militar. Comandou o 6º BC, em Ipameri/GO, o 22º BC, em João Pessoa/PB, o 15º BC, em Curitiba/PR e a 21ª Circunscrição Militar, em Recife/PE. Voltou à política paraense ao reassumir o cargo de interventor federal (1943-1945). Em seguida, elegeu-se senador federal (1946-1954) e governador do estado (1955-1959). Magalhães Barata foi reformado no posto de general de Brigada do Exército em 1945 e faleceu em Belém, no ano de 1959, em pleno exercício do mandato no executivo estadual. (ABREU, 2015, p.626).

Lauro Sodré em posição contemplativa e reflexiva parece guardar uma enigmática relação com o tempo e com espaço urbano que o cerca.

Figura 1 – Vista parcial do monumento à Lauro Sodré



Fonte: Projeto de Extensão Transcodificações Urbanas – uma virtualização dos monumentos de Belém (UFPA). Disponível em: <http://www.monumentosdebelem.ufpa.br/index.php/monumento/lauro>. Acesso em 10/06/2019.

O monumento parece fitar serenamente os transeuntes, como se fosse capaz de comunicar com uma época que não é mais a de Lauro Sodré e tão pouco a de quem produziu o seu arquétipo.

A intervenção artística e, como desejo mostrar, política, compõe a cena cidadina, mas seus significados histórico-culturais extrapolam o conjunto arquitetônico. Compreendê-los bem, considerando-se aqui as danificações e os furtos praticados nos últimos anos contra o monumento, parece ser tarefa oportuna.

Neste sentido, querendo oferecer uma interpretação sobre a razão de ser de tal lugar de memória (NORA, 1993), retomo aqui a já clássica discussão de “documento/monumento” proposta por Jacques Le Goff (2003) a fim de discorrer não apenas sobre os elementos contidos no monumento à Lauro Sodré, mas fundamentalmente sobre as relações sociais que viabilizaram e, mais que isso, direcionaram a forma de lembrar e esquecer do homenageado.

Parto do princípio de que o vínculo existente entre Lauro Sodré e Magalhães Barata circunda todo o conjunto monumental e aponta também para a tradição político-

militar que ambos defenderam, cada um ao seu modo, em momentos distintos da história republicana. Para perscrutar tais questões, utilizo notas de jornais, cartas, obras memorialistas, mensagens de governo e outros materiais.

A relação Sodré-Barata

Segundo Rocque, o pai de Magalhães Barata, Antonio Marcelino Cardoso Barata fora um “*laurista* convicto”, isto é, seguidor ardoroso da política feita por Lauro Sodré. Ao ponto de solicitar ao líder político e a sua esposa, Teodora de Almeida Sodré, que fossem padrinhos de seu filho Joaquim. Sodré, positivista ardoroso e ateu convicto, aceitou. O batismo ocorreu em 1899, na Igreja de Santana, bairro da Campina, quando Magalhães Barata tinha 11 anos de idade (1983, p.11).

Poderia ter sido apenas um ato político da parte de Sodré. Mas, ao apadrinhar o jovem Joaquim, o senador republicano passou a forjar com ele um tipo de vínculo afetivo que se mostraria duradouro e seria diversas vezes reinventado no campo político-militar.

Tal como o pai, Magalhães Barata vestiu as cores do “*laurismo*” em sua juventude. Não obstante, a primeira revolta militar em que tomou parte foi exatamente aquela liderada por seu padrinho, Lauro Sodré, em 14 de novembro de 1904 no contexto da Revolta da Vacina. Por este envolvimento, foi preso e em seguida expulso das fileiras do Exército (ROCQUE, 1983, p.147). Após a anistia concedida em 1905 aos envolvidos nos conflitos do ano anterior, Barata reingressou na corpora o. No entanto, esta não seria a única vez em que seria acusado de transgredir a lei para apoiar Lauro Sodré.

Retornando   Belém em 1911, no auge das tensões entre “*lauristas*” e “*lemistas*”, o então Aspirante a Oficial Magalhães Barata facilitou o incêndio do jornal *A Província do Pará* e da residência de Ant nio Lemos ao retardar a chegada das tropas do Exército que deveriam ajudar a dispersar a multidão enfurecida (ROCQUE, 1983, p.160).

Existem ainda outros indícios que assinalam a proximidade entre Lauro Sodré e Magalhães Barata. Na *Cole o Particular de S nia Viveiros de Castro Etrusco* consta um cartão postal enviado por Barata   Lauro Sodré em 1906 parabenizando-o pela data

de seu natalício³. Nada muito extensivo, mas que atesta a manutenção dos vínculos afetivos e uma mínima comunicação sustentada por ambos no Rio de Janeiro durante o período em que Barata estava em formação militar.

Da mesma forma, na *Coleção Particular de Lauro Sodré*, disponibilizada na Biblioteca Pública Arthur Vianna, da Fundação Cultural do Pará, o republicano histórico por diversas vezes se refere a figura do afilhado. Em janeiro de 1931, por exemplo, no contexto da prisão do ex-governador Eurico Valle, Sodré escreveu a Luiz Barreiros alegando ainda não ter falado com “J. M. Barata” acerca dos atos que lamentava e julgava “evitáveis”. Para ele, o encarceramento do seu antigo correligionário era uma pena vexatória e descabida (SODRÉ, 1931).

Diferentemente de Barata, Lauro Sodré não buscou associação com o movimento tenentista. Sua fase mais radical se deu entre 1897 e 1904, quando assumiu posturas francamente insurrecionais que lhe valeram a peja de *jacobino* e ou *florianista*. Como já sabido, o ápice de tal radicalismo se manifestou no levante da Escola Militar da Praia Vermelha.

Apesar disso, porém, evitava criticar diretamente o grupo que ascendeu ao poder com Getúlio Vargas. Chamando-os frequentemente de revolucionários, parecia censurar-lhes os excessos antidemocráticos e, ao mesmo tempo, reconhecer a necessidade de ocuparem os postos de poder. Sua única exigência parecia ser o retorno da via constitucional, o que passou a reivindicar através do *Clube 24 de Fevereiro*.

Em junho de 1932, em outra carta endereçada a Barreiros, Sodré relatou duas visitas que Magalhães Barata lhe fizera no Rio de Janeiro. Nestas ocasiões teria aproveitado para aconselhar o interventor federal acerca da política paraense. De acordo com ele, “Joaquim” precisava fazer a “política larga e de tolerância”, aproveitando a capacidade de todos, “sem indagar as caras políticas nem as origens”. Defendendo à reconstitucionalização do país, Sodré declarou ainda que os seus “amigos” deveriam se aproximar do governo a fim de que pudessem “abrir a porta” para restabelecer, na terra que ainda considerava sua, “o verdadeiro regime democrático”, ponderando que aqueles eram tempos de “desordem e anarquia” (1932).

³ “Escola de guerra, 17-10-06. Meu caro padrinho. Pelo venturoso dia de hoje, envia-lhe um saudoso abraço, o Afilhado e amigo Joaquim Barata”. CARTÃO Postal de Magalhães Barata. 17 de outubro de 1906. Coleção Particular de Sônia Viveiros de Castro Etrusco.

A ambiguidade no modo de tratar o afilhado e os novos tempos republicanos faz pensar acerca da cultura política que ora aproximava e ora apartava Sodré e Barata. Ambos tinham em comum a defesa da presença militar na política. Lauro Sodré encarnava o tipo “bacharel fardado”, do qual falou Carvalho (2006, p.25) ao tratar da formação dos oficiais oriundos da Escola Militar da Praia Vermelha, adeptos do positivismo e desprovidos de maiores treinamentos e experiências militares. Barata, por outro lado, formado já segundo a diretriz de profissionalização do Exército, recebeu mais ensino efetivamente militar e disciplina interna. Foi preparado para ser um militar profissional antes de tudo. Não à toa, Sodré, chamado no Senado Federal de senador militar, trajava costumeiramente vestimentas civis, e Magalhães Barata não abria mão de sua farda militar, ainda que no exercício de cargos políticos.

Tanto Sodré quanto Barata eram favoráveis às medidas de força para tomada de poder. Daí provinha o princípio revolucionário que advogavam. Desse modo Sodré voltou ao governo do Pará em 1917 e desse mesmo modo Barata chegou ao posto de interventor em 1930. A diferença era que Lauro Sodré tendia a cultivar mais a postura intelectual e tinha dificuldade de se pensar como líder autoritário. Barata, ao contrário, não tinha apego ao regime democrático, demonstrava abertamente ser favorável a uma ditadura prolongada no Brasil e defendia um modelo de Estado forte (FONTES, 2013, p.139).

As diferenças guardadas entre padrinho e afilhado fizeram de Lauro Sodré personagem mais identificado à política da Primeira República e de Magalhães Barata uma figura mais articulada aos jogos de poder estabelecidos com a era Vargas. O que não significa dizer que fossem incompatíveis entre si ou, muito menos, em relação as fases do regime republicano brasileiro.

Com a reabertura política de 1934, Lauro Sodré ensaiou um retorno à política paraense. Cortejado pelo *Partido Liberal*, do afilhado interventor, e pela *Frente Única*, dos adversários de Barata e antigos correligionários do *Partido Republicano Federal*, o já septuagenário político optou pela segunda agremiação. Barata reagiu da seguinte maneira:

Lamento agora que tivésseis declinado de nosso espontâneo, sincero e honroso gesto para participardes de nossa bancada constitucional, pelas razões alegadas de não quererdes abandonar vossos amigos.

Mais amigos e admiradores dos tempos maus encontrareis aqui na corrente revolucionária, inclusive eu, que esta dirijo, e que venho de uma família que

jamais vos condicionou solidariedade naquela noite longa e tétrica que foi o lemisismo.

Respeito, e meus companheiros também, vossos escrúpulos, mas amanhã não se dirá que por culpa nossa, que hoje somos governo nesta terra, não representareis nosso Pará na mais alta Câmara da Nação (BARATA, 1934, APUD SODRÉ, 1970, p.121).

Ao que tudo indica, as eleições de 34 selaram o distanciamento político de Sodré e Barata. No mesmo ano o interventor entrou em rota de colisão com Benjamin Sodré, filho de Lauro, oficial da Marinha e então comandante da Escola de Aprendizes do Pará. Benjamin criticou publicamente o interventor em razão das supostas violências que cometia. Barata, por sua vez, passou a se empenhar em favor da exoneração de Benjamin do cargo comissionado, o que conseguiu em dezembro de 1934 (SODRÉ, 1989, p.76). De maneira que, os cordiais laços de apadrinhamento pareciam rapidamente se desfazer em função das intrigas e disputas de poder.

Em todo caso, após o falecimento do velho republicano histórico, em junho de 1944, Magalhães Barata se tornou o principal “guardião da memória” de Sodré no Pará. Da condição de interventor federal, Barata fez o estado do Pará subsidiar os custos do sepultamento realizado no cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro, e iniciou tratativa com os familiares de Sodré a fim de que fossem transferidos para o Pará alguns dos objetos que haviam pertencido ao morto. Foi quando se constituiu uma comissão responsável por catalogar e remeter ao estado nortista a *Biblioteca e o Arquivo Pessoal de Lauro Sodré*.

Em documento guardado por familiares e datado de 27 de outubro de 1944, a comissão – integrada por Teodoro de Almeida Sodré, filho mais novo de Lauro, Ernesto Cruz, intelectual e estudioso da história do Pará e também parente distante da família de Sodré, e um terceiro nome, cuja assinatura não permite a identificação – relatava o resultado de seu trabalho na capital da República.

Foram classificadas 1.666 obras com 2.089 volumes, de assuntos generalizados e de filosofia, história, geografia, literatura, sociologia, ciências, filologia e religião. Inúmeros desses livros conservam apontamentos traçados pelo dr. Lauro Sodré, o que os tornam mais preciosos. Outros foram oferecidos pelos próprios autores, sendo que estes têm anotação especial nas respectivas fichas.

O arquivo é composto de cartas preciosas, históricos documentos, que retratam diferentes épocas do ciclo republicano, de acentuado valor para a recomposição de fatos e episódios, constituindo valioso cabedal para os

estudiosos. Essas cartas datam dos fins do século passado e dos princípios do atual, e são firmadas por Prudente de Moraes, Nina Ribeiro, Augusto Montenegro, Manoel Vitorino, Antônio Azeredo, Toledo Piza, Francisco Glicério, Rangel Pestana, Pedro de Toledo, Campos Sales, Barão de Lucena, Manoel Barata, Henri Coudreau, Jaime Pombo Bricio, Conde de Afonso Celso etc (SODRÉ; CRUZ, 1944).

Os membros da comissão destacavam ainda os textos escritos por Lauro Sodré acerca da Questão do Amapá, os recortes de jornais de época e o livro de atas do Clube Republicano do Pará como algumas das preciosidades do acervo. Embora tivessem classificado, etiquetado e preenchido fichas consonantes a cada peça documental, os signatários do documento diziam que a catalogação final só poderia ocorrer em Belém. Recomendavam também que fossem adotados critérios especializados para a organização e disponibilização do acervo ao grande público e, neste sentido, informavam que Ernesto Cruz fizera curso na Biblioteca Nacional, onde teria aprendido conhecimentos práticos e teóricos que poderiam auxiliar a missão do governo do Pará.

Em mensagem oficial encaminhada à Assembleia Legislativa do estado, em 1948, o então governador, Major Luiz Geolás de Moura Carvalho, prestou relatório das atividades realizadas durante o ano de 1947 e se referiu à *Biblioteca de Lauro Sodré*, informando que ela fora “adquirida na administração do Exmo. Sr. Coronel Magalhães Barata” e naquele ano passara a fazer parte da coleção da Biblioteca e Arquivo Público do estado (PARÁ, 1948, p.108).

Posteriormente, esclareceu-se que a *Biblioteca de Lauro Sodré*, somando um total de 1.687 obras, fora inicialmente disposta no Instituto Histórico e Geográfico do Pará e transferida por determinação do governador Moura Carvalho para a Biblioteca e Arquivo Público do Pará que, naquela época, ainda integravam a mesma instituição (PARÁ, 1951, p.87).

É possível perceber que de um documento para outro, o número de obras provenientes do acervo de Lauro Sodré vai sofrendo pequenas variações: primeiro 1.666, depois 1.687 e, em 1957, o relatório de Magalhães Barata fala em 1.663 obras e 2.100 volumes (PARÁ, 1957, p.101). Já em 1971, o pesquisador Ernesto Cruz, membro da primeira comissão que catalogou a coleção e ex-diretor da Biblioteca e Arquivo Público do Estado do Pará, mudou substancialmente a informação. No livro *A história da*

Biblioteca e Arquivo Públicos do Pará, o autor registrou “aproximadamente 1.490 títulos” (1971, p.17).

A questão seria de fácil resolução se a *Biblioteca de Lauro Sodré* não tivesse sido inteiramente desconfigurada. Não há muitas informações sobre o que aconteceu, mas, aparentemente, os livros foram sendo reorganizados sem muito critério e hoje, os que ainda existem, encontram-se dispersos nos vários setores da Biblioteca Pública Arthur Vianna, sem nenhum tipo de identificação atrelado ao acervo original.

As fichas catalográficas da época da remessa dos livros são os únicos vestígios que ajudam a contar algo sobre o acervo de Sodré. Através delas, consegui identificar o total de 1.500 títulos catalogados como pertencentes à *Biblioteca de Lauro Sodré*. Um número que, apesar de aproximado do registro de Ernesto Cruz, não dá conta de explicar as variações numéricas em relação aos primeiros documentos formulados sobre o acervo.

Mais grave ainda é ressaltar que pior tratamento foi dispensado ao *Arquivo de Lauro Sodré*. A série de correspondências do velho republicano não é referenciada nem nos documentos oficiais de governo e nem no livro de Ernesto Cruz. A *Coleção Particular de Lauro Sodré* guardada hoje pela Biblioteca Pública Arthur Vianna não mantém nenhuma relação com o material enviado do Rio de Janeiro, visto que abriga tão somente as cartas guardadas por Luiz Barreiros a partir da comunicação que mantinha com Sodré. De maneira que, infelizmente, o paradeiro de tais documentos é inteiramente desconhecido.

De qualquer modo, é importante perceber que a tentativa de organização da Biblioteca e do Arquivo Pessoal de Lauro Sodré são os primeiros movimentos realizados por Magalhães Barata a fim de eternizar o nome de seu dileto padrinho perante o público paraense. Já neste primeiro instante a memória que vai sendo talhada para Sodré é a de um grande intelectual, o que se aproxima bastante da figura do pensador esculpida por Bruno Giorgi na década seguinte.

O monumento e os festejos do centenário

Eleito governador do estado do Pará em 1955, Magalhães Barata seguiu interessado na preservação e no culto do nome de Lauro Sodré no Pará. Desde 1957 a sua

base aliada no Congresso Nacional tentou obter recursos para os festejos do centenário de Sodré.

Chama atenção, neste sentido, o projeto apresentado pelo deputado Armando Corrêa (PSD), na Câmara dos Deputados, propondo a liberação de crédito especial ao governo do Pará no valor de dez milhões de cruzeiros para “atender as despesas com as comemorações do 1º centenário de nascimento do general Lauro Sodré”. O projeto previa que cinco milhões fossem utilizados na construção da estátua de Lauro Sodré e três milhões fossem aplicados na “fundação e instalação da Casa Lauro Sodré”, que teria como objetivo “reunir tudo o disser respeito aquele notável brasileiro, nos moldes da Casa Rui Barbosa”.

A iniciativa ganhou parecer favorável da Comissão de Educação e Cultura, mas foi parcialmente modificada pela Comissão de Finanças, que, alegando dificuldade nas contas públicas, recomendou a aprovação da metade do valor solicitado (BRASIL, 1957).

Dessa forma a ideia do monumento e dos festejos do centenário foram ganhando cada vez mais folego. O governador Barata, constantemente acusado de intolerância pelos adversários, causou surpresa na opinião pública ao reunir em tal empreendimento grupo tão eclético e aparentemente alheio ao seu clã político (Última Hora/RJ, 06/02/1958, p.3).

O projeto de Francisco Bolonha foi pensado como um monumento-jardim em que os elementos escultóricos seriam postos de maneira espaçada ao longo da praça Floriano Peixoto a fim de se alternarem com a vegetação local. Ao todo, a construção compreenderia uma área de 76 metros de comprimento por 26 de largura e consumiria cerca de 11 milhões de cruzeiros (Correio da Manhã/RJ, 02/04/1959, p.7) .

Estavam previstos três conjuntos escultóricos. O primeiro era o da própria escultura em bronze de Lauro Sodré, sentado em atitude pensativa e circundado por laje de mármore e espelho d’água. O segundo seria formado por um mural com três figuras de bronze. Ao centro, a República, ladeada pela representação do Trabalho e das Artes. A terceira parte do monumento abrigaria um obelisco de 20 de metros de altura, onde repousaria em seu cume a figura da Vitória, talhada em efígie de alumínio de cerca de 5 metros.

Figura 2: conjunto 1 Figura 3: conjunto 2 Figura 4: conjunto 3 Figura 5: Vista



Fonte: Associação dos Amigos do Patrimônio de Belém. Disponível em: <http://aapbel.blogspot.com/2016/02/escultura-modernista-roubada-mais-um.html>. Acesso em: 10/06/2019.

As imagens encontradas na internet, como as dispostas acima, ajudam a perceber a proeminência do monumento, os conjuntos escultóricos que o compõe, os traços disformes característicos das esculturas de Bruno Giorgi e a parcial deterioração da obra⁴.

Previsto para ficar pronto em 1958, o monumento atrasou em virtude da demora no recebimento do mármore escolhido para a obra. O que não impediu Magalhães Barata de celebrar o centenário de Sodré

Desde o ano anterior estava sancionada a Lei nº 1.502, que tornava feriado estadual o dia 17 de outubro de 1958, data do natalício de Sodré. Além disso, o governador determinou que a Secretaria de Educação do Pará tomasse parte direta nas homenagens que o estado estava promovendo em comemoração ao centenário de nascimento do “paladino da democracia” e primeiro governador constitucional do Pará.

A missão da secretaria era distribuir a todos os estabelecimentos de ensino, da capital e do interior, uma fotografia do “grande paraense”. A mesma fotografia que já havia sido distribuída em todas as outras repartições públicas do estado. Além disso, foram organizadas pequenas celebrações nos grupos escolares, onde os alunos ouviam de seus professores a respeito da trajetória de Lauro Sodré (PARÁ, 1959, p.83).

Por esta via, no dia exato da efeméride, o Instituto de Educação do Pará (IEP) organizou uma exposição para saudar a memória de Sodré. A poesia declamada pela professora Maria Antonieta da S. F. e Pontes sintetiza bem o tom do evento:

⁴ Atualmente, o segundo conjunto escultórico já não existe, tendo sido paulatinamente furtado por saqueadores atraídos pelo bronze utilizado nas peças.

General Lauro Sodré/Na história do Brasil/Foi tribuno de valor/D'alma pura e varonil.

De caráter singular/E de vida modelar/O regime brasileiro/Nunca deixou conspirar

Nas horas de paz ou lutas/Sem nunca se intimidar/Com eloquência e bravura/Nossas leis fez respeitar.

Sem poupar a própria vida/Lança-se em luta renhida/Pra defender com altivez/A nossa Pátria querida.

Lauro Sodré será exemplo/À juventude brasileira/Que jamais esquecerá/Sua atitude sobranceira.

Os paraenses se ufanam/De ter como seu irmão/Esse invulgar tribuno/De tão nobre coração.

Por isso, pra todos nós/Ele morto não está/Salve! Lauro Sodré.

Honra e glória do Pará! (PARÁ, 1958, p.4).

No Teatro da Paz, Magalhães Barata dirigiu a sessão solene em homenagem a Lauro Sodré. A programação contou com inúmeros discursos, dentre eles o de Ernesto Cruz, membro da comissão encarregada da remessa da Biblioteca Particular de Lauro Sodré e membro da comissão responsável pelos festejos de seu centenário. Na ocasião, foi entoada a *marcha patriótica “Lauro Sodré”*, composição musical de José Pontes Nepomuceno e letra de Bruno de Menezes:

Dentre outras coisas, a peça musical cantava Lauro Sodré como soldado “sempre firme em sua fé” e atestava que nenhum outro vulto da terra teria engrandecido tanto o nome do Pará quanto ele que, “pelo saber”, mostrava ser “um patriota do Brasil”. Sodré foi ainda saudado como militar de fibra e brioso general, “um filho” do Pará de “grande valor”. (CENTENÁRIO, 1958, p.4).

Em comum, poesia e música enunciam a figura de um herói nacional, talhado para inspirar orgulho aos paraenses. Lauro Sodré é lembrado como tribuno e militar em ambos os casos e aparece travando combates e lutas severas em favor do Brasil, do Pará e da República, sempre abnegado e brioso. O general impoluto e genial é tomado como exemplo para os mais jovens e modelo para os demais cidadãos. Não há críticas, menções a posicionamentos duvidosos, lembranças do período em que foi preso. Sem

controvérsias, Sodré é lançado como o maior de todos do Pará. Um vulto histórico patriótico e sábio, por isso declamado e cantado.

Olhando mais de perto, é possível enxergar o óbvio: não se tratava de saudar a história em si de Lauro Sodré, mas de se consolidar uma dada versão dela. Em última instância, a versão que interessava e importava ao governador Magalhães Barata.

Neste sentido, em 23 de outubro de 1958, Barata enviou telegrama a Benjamin Sodré nos seguintes termos:

Aprazo comunicar que por motivo transcurso centenário nascimento Dr. Lauro Sodré num justo preito cultural civismo desse ilustre varão cujo nome projetou nosso Estado todo território nacional através atitude acendrado patriotismo revelando-se verdadeiro paladino princípios republicanos em nossa Pátria determinei erigir imponente monumento nesta capital à sua memória para que a imagem desse ilustre conterrâneo sirva exemplo e diretriz nossas gerações. Fiz promover ainda na Biblioteca Pública interessante e ilustrativa exposição documental de tão grande brasileiro, fazendo apor estabelecimentos ensino retrato desse insigne paraense, mandando promover cerimônias cívicas solenes e litúrgicas na data natalícia sempre prestigiada pela minha presença. Realizando-se tal modo ato mais peregrina justiça também quis demonstrar particular afeto de afilhado ao grande vulto que encheu de glórias o Pará e exaltou nosso Brasil. Saudações cordiais. General Magalhães Barata – Governador do Pará (BARATA, 1958 APUD SODRÉ, 1989, p.168).

O mesmo discurso, antes enunciado nas solenidades do IEP e do Teatro da Paz, aparece agora na fala de Magalhães Barata. Se apresentando ora como governador do estado, ora como o afilhado afetuoso de Lauro Sodré, Barata deixa em evidência que, para ele, comemorar o centenário de nascimento de seu padrinho, mais que uma simples homenagem, era um verdadeiro ato cívico. Mesmo sem precisar, ele parece querer convencer o seu destinatário de que Lauro Sodré fora um “vulto” extraordinário. Em um telegrama de poucas linhas, o governador-afilhado repetiu 2 vezes que Lauro Sodré era “ilustre”, o considerou “grande” em outras duas ocasiões e ainda encontrou espaço para chama-lo de “paladino dos princípios republicanos”. Isso sem falar das assertivas que sugeriam que Sodré havia proporcionado muitas glórias ao Pará e ao Brasil. Parecia mesmo estar convencido de que seu Sodré fora um “grande vulto”. Por isso, o monumento que queria ver erguido em Belém tinha de ser também “imponente”. Queria algo que pudesse comunicar às diferentes gerações e distinguir Lauro Sodré como homem ilustre, modular e inspirador. É nesse contexto, portanto, que nasce a escultura de Bruno Giorgi, retratando o “sábio” Lauro Sodré, sentado, mão no queixo, aparentando considerar algum dos assuntos importantes com os quais esteve envolvido em vida.

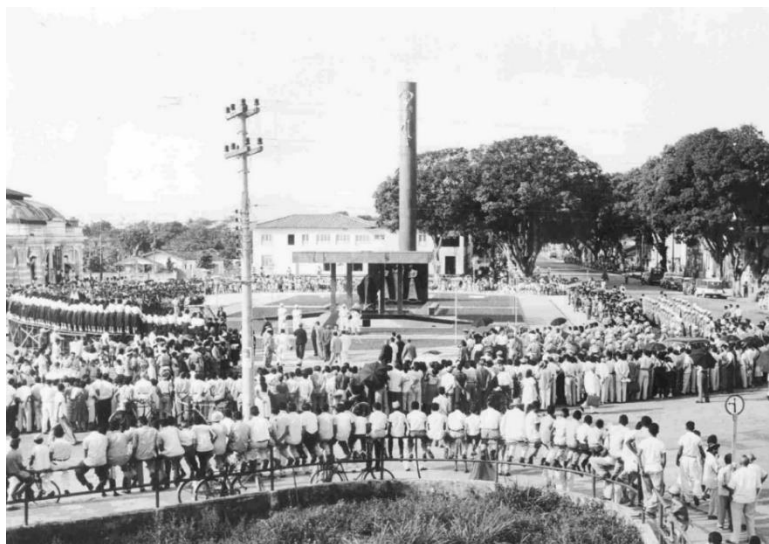
Do festejo de inauguração do monumento à Lauro Sodré, ocorrido em 10 de junho de 1959, Magalhães Barata não pode participar. Faleceu 12 dias antes, sem ter a chance de manifestar suas impressões sobre a obra da qual fora sempre o maior entusiasta.

A inauguração ou o duplo sepultamento

Ainda na época dos preparativos para o centenário de Lauro Sodré, a comissão encarregada da execução da festa chegou a cogitar a possibilidade de trasladar os restos mortais do homenageado para Belém (Correio da Manhã/RJ, 26/01/58, p.4). A ideia era fazer um “novo sepultamento” para Sodré, com a presença de entes queridos, amigos e admiradores. A perspectiva, porém, não agradou a família radicada no Rio de Janeiro e, por isso, não foi levada a cabo.

O falecimento repentino de Magalhães Barata trouxe de volta o tom fúnebre à cerimônia de inauguração do monumento. Augusto Meira Filho, um dos oradores da solenidade, solicitou um minuto de silêncio em memória de Lauro Sodré e de Magalhães Barata (1973, p.54), vinculando definitivamente homenageado e idealizador da obra.

Figura 6: Vista do monumento à Lauro Sodré no dia de sua inauguração



Fonte: Fragmentos de Belém: uma antologia da cidade. Disponível em: <https://fragmentosdebelem.tumblr.com/post/110018674002>. Acesso: 10 de junho de 2019.

As duas controversas lideranças políticas do Pará republicano, associadas em vida por vínculos afetivos, políticos e militares, acabaram também aproximadas no campo

simbólico e estético. Barata não participou da inauguração do monumento à Lauro Sodré, mas, de algum modo, está lá e nas redondezas, uma vez que seu memorial, erguido em 1988, em meio as comemorações do centenário de seu nascimento, situa-se a poucos metros da Praça Floriano Peixoto.

Retratado como “homem de pensamento e saber” (MEIRA FILHO, 1973, p.51-53), o general Lauro Sodré foi entronizado na memória coletiva em trajes civis e como figura digna de admiração. Era como Barata o enxergava, restando saber se tal imagem encontrou ou encontra apelo na população paraense.

Por fim, vale destacar que os monumentos não são apenas objetos estéticos. Na medida em que pretendem regular e controlar aquilo que vai ser lembrado e esquecido, constituem-se como “poderosos meios de comunicar valores, crenças e utopias e afirmar o poder daqueles que os construíram” (CORRÊA, 2005, p.4).

Neste sentido, o *monumento à Lauro Sodré* não trata em si de um acontecimento da biografia do homenageado. Ele é uma representação material do passado, uma livre leitura. Muito provavelmente, a representação mais bem elaborada da corrente de intelectuais e amigos do velho republicano paraense, capitaneada pela figura de Magalhães Barata, que viam no morto o exemplo maior de patriotismo e liderança política. Por isso, o conjunto de alegorias e esculturas dispostos na Praça Floriano Peixoto pretendia, de uma só vez, comunicar em tom de distinção e suntuosidade o que fora a vida de Lauro Sodré, muito embora ela não tenha sido só aquilo e tão unânime quanto fizeram parecer.

Considerando o discurso feito por Augusto Meira Filho, no entanto, pode-se apreender que a cerimônia acabou sendo um “novo sepultamento”, não apenas de Sodré, mas de Magalhães Barata, o principal entusiasta do monumento e da difusão da memória elogiosa de Sodré no Pará.

É preciso, pois, olhar com desconfiança para o que está posto. Lauro Sodré, enquanto sujeito histórico e monumento, precisa ser desconstruído como documento, isto é, precisa ser analisado criticamente levando-se em conta as relações de poder através das quais ele se constituiu e, posteriormente, foi recordado (LE GOFF, 2003).

Assim, apostando não apenas em documentações pouco prestigiadas, mas em novas problematizações, acredito ser possível ensejar outro tipo de sepultamento para

Sodré e Barata. Afinal, ao introduzir a morte no discurso, a operação historiográfica oferece um túmulo escriturário para os mortos que ainda frequentam as discussões dos vivos. Como bem pontuou Michel de Certeau, a escrita “não fala do passado senão para enterrá-lo. Ela é um túmulo no duplo sentido de que, através do mesmo texto, ela honra e elimina” (CERTEAU, 1982, p.107).

Referências

BRASIL, Câmara dos Deputados. *Projeto N.2923 de 1957*. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=2660D6689726BCE3F48D642A2EF43797.proposicoesWeb1?codteor=1212589&filename=Avuls+o+-PL+2923/1957. Acesso em: 07 de julho de 2019.

CARVALHO, José Murilo. *Forças armadas e política no Brasil*. 2º Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CENTENÁRIO de Lauro Sodré. *Programa da sessão solene no Teatro da Paz*. Belém: [s.n.] 17 de outubro de 1958. [Coleção Particular de Sônia Viveiros de Castro Etrusco].

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CORRÊA, Roberto Lobato. “Monumentos, política e espaço”. *Geo Crítica – Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, vol. IX, nº 183, 2005.

CRUZ, Ernesto. *A história da Biblioteca e Arquivo Públicos do Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultural, 1971.

FONTES, Edilza. “Cultura política dos anos trinta no Brasil e as memórias do interventor do Pará, Magalhães Barata (1930-1935)”. In: *Revista Estudos Políticos*, n.7, 2013, pp.131-151.

LE GOFF, Jacques. “Documento/monumento”. In: *História e memória*. 5ª Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p.525-541.

MEIRA, Octávio. *A Primeira República no Pará: desde o crepúsculo da Monarquia até o golpe de Estado de 1891*. Belém: Falangola, 1981.

MEIRA FILHO, Augusto. *Contribuição à história de Belém*. V.1. [S.l.:s.n.], 1973.

NORA, Pierre. “Entre memória e história a problemática dos lugares”. *Projeto História*, nº10, 1993.

RELATÓRIO da comissão encarregada de catalogar e enviar a Biblioteca e o Arquivo pessoal de Lauro Sodré ao Pará. Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1944. *Coleção Particular de Heloísa Keller*.

ROCQUE, Carlos. *A formação revolucionária do Tenente Barata*. Belém: Fundação Romulo Maiorana, 1983.

PARÁ, Assembleia Legislativa. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa no dia 15 de agosto de 1948, em sessão de instalação, pelo Governador Major Luiz Geolás de Moura Carvalho*. Belém: [s.n], 1948.

PARÁ, Assembleia Legislativa. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa no dia 15 de abril de 1950, em sessão de instalação, pelo governador Major Luiz Geolás de Moura Carvalho*. Belém: [s.n], 1951.

PARÁ, Assembleia Legislativa. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em sua reunião Ordinária de 1957 pelo General Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, Governador do Estado*. Belém: Imprensa Oficial, 1957.

PARÁ, Instituto de Educação do. *Centenário do General Lauro Sodré*. Homenagem do Instituto de Educação do Pará. Belém: [s.n.], 17 de outubro de 1958, p.4-5. Coleção Particular de Sônia Viveiros de Castro Etrusco.

PARÁ, Assembleia Legislativa. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em sua reunião Ordinária de 1959, pelo General Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, Governador do Estado*. Belém: Imprensa Oficial, 1959.

SODRÉ, Dora. *A educação pelo exemplo: momentos da vida de Benjamin Sodré*. Rio de Janeiro: EDC, 1989.

SODRÉ, Emmanuel. *Lauro Sodré na história da República*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1970.

SODRÉ, Lauro. [Carta] 05 jan. 1931, Rio de Janeiro [para] BARREIROS, Luiz, Belém. 1f. Comenta a situação política nacional e paraense.

SODRÉ, Lauro. [Carta] 07 jun. 1932, Rio de Janeiro [para] BARREIROS, Luiz, Belém. 2f. Comenta a situação política paraense.